

Martírio de Jesus: Comunicação do amor trinitário e caminho de seguimento

Vera Ivanise Bombonato, FSP

Resumen

Somente na perspectiva da fé e do amor incondicional de Deus pela humanidade é possível captar a densidade e o significado teológico do martírio de Jesus e de muitos de seus seguidores ao longo da história. A Trindade crucificada revela a profundidade da comunicação recíproca entre as três pessoas divinas, que se faz dom à humanidade e convida a entrar neste círculo de amor. Diante da cruz de Jesus, o cristão é chamado a acolher o mistério da dor e do sofrimento e a entrar no caminho de seguimento do Crucificado que o Pai ressuscitou dos mortos, na força do Espírito.

Solamente en la perspectiva de la fe y del amor incondicional de Dios por la humanidad es posible captar la densidad y el significado teológico del martirio de Jesús y de muchos de sus seguidores a lo largo de la historia. La Trinidad crucificada revela la profundidad de la comunicación recíproca entre las tres personas divinas, que se hace don para la humanidad e invita a entrar en este círculo de amor. Ante la cruz de Jesús, el cristiano es llamado a acoger el misterio del dolor y del sufrimiento y a entrar en el camino del seguimiento del Crucificado que el Padre resucitó de entre los muertos, con la fuerza del Espíritu.

O cristianismo é a única religião do mundo cujo Deus se encarnou e morreu mártir. Jesus de Nazaré, Verbo eterno que existia desde o princípio e, “na plenitude dos tempos, veio habitar entre nós” (cf. Gl 4,4), sofreu o suplício da cruz, “o mais bárbaro e terrível castigo” aplicado aos rebeldes políticos ou escravos. Jesus foi executado por meio de uma punição romana aplicada aos malfeitores.¹ Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos. Morte e ressurreição de Jesus constituem um único mistério pascal, ápice da comunicação do amor trinitário, no qual se concretiza a nossa salvação.

No dia de Pentecostes, Pedro dirigiu aos judeus a mensagem que pode ser considerada a primeira pregação cristã: “que toda a Casa de Israel saiba com certeza: esse Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2,36). A fé cristã, fazendo memória da morte violenta de Jesus na cruz e de sua ressurreição, professa solenemente, no Credo: “padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, ressuscitou ao terceiro dia”.

Na *Acta Martyrum*, Jesus é apresentado como protótipo do mártir, e os mártires cristãos são considerados seguidores do mártir Jesus Cristo. No Apocalipse, Jesus é

chamado de “mártir fiel e verdadeiro” (Ap 1,5; 3,14). Desde os primeiros séculos da Igreja, os cristãos, que deram testemunho da pessoa e da mensagem de Jesus até o sacrifício da própria vida, foram reconhecidos como *mártires*. O cristianismo possui uma longa tradição de martírio, e a Igreja é chamada *Igreja dos mártires*.²

Na história da América Latina e do Caribe, muitos são os mártires que, seguindo Jesus de Nazaré, entregaram suas vidas para defender a vida do povo. A coragem profética desses mártires ilumina-se à luz do martírio de Jesus, sabedoria de Deus, defesa da dignidade da vida, superação da ambigüidade, gesto supremo de comunicação do amor trinitário e convite a seguir o caminho do Crucificado que está vivo no meio de nós.

1. FORÇA E SABEDORIA DE DEUS

Este é o grande paradoxo da fé cristã: Jesus que “passou fazendo o bem a todos” (At 10,38) e defendendo a vida, “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1), até a entrega da própria vida, sendo crucificado. E Deus que, outrora, muitas vezes e de muitos modos se comunicara aos nossos pais por meio dos profetas, agora se comunica por meio de seu Filho, pela sua vida, morte e ressurreição (cf. Hb 1,1).

O apóstolo Paulo, ao comunicar a mensagem da cruz de Jesus, refere-se a três possíveis atitudes distintas diante deste mistério: “... o Messias crucificado é escândalo para os judeus, loucura para os pagãos, mas para os chamados, judeus e gregos, é força de Deus e sabedoria

de Deus” (1Cor 1,23). Os judeus esperavam um Messias poderoso que os libertaria da dominação romana. Por isso, um Messias servo humilde e crucificado é para eles uma mensagem escandalosa e impossível de aceitar. Para os gregos que cultivam o saber, um salvador condenado à morte é uma loucura que não condiz com os seus parâmetros culturais. Quem não é capaz de salvar a si mesmo, como pode salvar a humanidade? Entretanto, para os que são chamados, judeus e gregos indistintamente, a mensagem da cruz é força de Deus e sabedoria de Deus. Ela denuncia a fragilidade da lógica humana e demonstra o poder e o saber de Deus, que o ser humano descobre pelo caminho da fé³.

À semelhança dessas atitudes evidenciadas por Paulo, ainda hoje, não só diante do martírio de Jesus, mas também diante da coragem de muitos de seus seguidores de entregar a vida, as pessoas assumem posições diferentes e contrastantes, relacionadas ao tipo de messias que esperam.

Há quem considere a cruz de Jesus como escândalo. Para estes, Jesus é um personagem importante, um excelente comunicador, fundador de uma nova religião, mas negam a sua divindade e não aceitam as verdades da fé cristã. E a entrega da própria vida, no seguimento radical, é vista como fanatismo. Outros consideram o martírio de Jesus como loucura. Para estes, a morte de Jesus era necessária para a nossa salvação, mas é um acontecimento do passado, uma comunicação histórica, que nada tem a ver com a nossa vida, hoje. E quem chega até as últimas consequências na entrega de sua vida pela causa

de Jesus é considerado suicida.

Enfim, há os que consideram o martírio de Jesus como força de Deus e sabedoria de Deus. Para estes, a morte vergonhosa de Jesus na cruz (cf. Gl 3,13), que no tempo significou sinal evidente do abandono de Deus, constitui a salvação. Para estes, o Calvário é o areópago da mais sublime e vital comunicação que Jesus faz de si mesmo à humanidade. Morrendo, Jesus comunica que a vida humana é o bem maior.

2. A INCONTESTÁVEL DIGNIDADE DA VIDA HUMANA

Jesus, que declarou ser o Caminho, a Verdade e a Vida (cf. Jo 14,6), é a plenitude da comunicação entre Deus e a humanidade. Sua vida, sua missão, sua morte e ressurreição encerram o mais perfeito e eficaz modelo de comunicação de todos os tempos e lugares.

Servo sofredor, Jesus oferece sua vida pelo resgate de muitos e sua morte é interpretada pelas primeiras comunidades cristãs como sacrifício de reconciliação, de comunicação, em vista da comunhão de toda a humanidade com Deus. Por amor, Jesus assume a tragédia da dor e da morte, consequência do pecado da incomunicação e do desamor, transformando-os em sinal supremo de amor e em caminho eficaz de salvação⁴.

O martírio de Jesus na cruz é a mais contundente comunicação do sentido e da dignidade da vida humana. Nada pode justificar que a vida seja desprezada e aviltada. Esta lição é tão importante e sagrada que para nos ensiná-la, Jesus,

paradoxalmente, entregou o seu maior bem: sua própria vida, na mais eloqüente denúncia de todos os males que ameaçam a existência. Este é o grande paradoxo da religião cristã difícil de ser entendido pela lógica humana.

Por isso, é impossível entender a morte de Jesus isolada do seu contexto histórico e de sua práxis em defesa da vida. Motivada pelos conflitos econômicos, sociais, políticos e religiosos do seu tempo, ela encerra uma tripla contestação: à lei que oprime o ser humano, à religião, particularmente por causa da lei da impureza, ao Templo por legitimar a opressão dos pobres, sobretudo com o pagamento dos impostos.

O martírio de Jesus é uma decorrência do fato de ele ter assumido até o fim o projeto do Pai: que todos “tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10), e de um julgamento sobre a qualidade religiosa e política dessa vida. É uma consequência de sua vida, totalmente entregue à causa do Reino e vivida em conformidade com a vontade do Pai. Ele não o buscou nem o quis, mas aceitou-o livremente⁵.

A vida de Jesus e sua práxis profética estão em sintonia com os motivos alegados para sua condenação à morte. A crucifixão é uma síntese de toda a sua vida, radicaliza suas atitudes, torna definitivo seu estilo de vida, confirma seu serviço messiânico e sua preexistência.

Deus Pai, terno e misericordioso, não quer o sofrimento e a morte de seu Filho predileto. Aceita seu amor e sua fidelidade até o fim. Para viver esse amor até o fim, Jesus não recuou diante da

morte. Assumiu-a não como fatalidade da qual não podia se livrar, mas na liberdade e como consequência da fidelidade à sua missão, vivida na mais plena radicalidade. O evangelista João, referindo-se à morte de Jesus, afirma: “antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1).

Jesus teve a ousadia profética de colocar os valores do Reino, que ele anunciou, acima da conservação da própria vida; preferiu morrer livremente a renunciar à verdade, à justiça, ao direito e ao ideal da fraternidade universal, à verdade da filiação divina e da bondade irrestrita de Deus Pai. Seu martírio denuncia os sistemas fechados e instalados e contesta o fechamento do mundo sobre si mesmo, isto é, o pecado⁶.

Refletir sobre o martírio de Jesus tem duas dimensões significativas para a nossa vida. A dimensão de ação de graças, porque Jesus entregou sua vida, nos salvou do pecado e da morte, da incomunicação e do desamor. Neste sentido, a cruz é sinal de vitória, de alegria e de comunhão. A dimensão de tristeza, porque a cruz é instrumento de tortura e é escândalo para a inteligência humana. Ela continua presente em tantas pessoas que sofrem a cruz da miséria, da violência, da fome, do desemprego, da guerra, da falta de sentido para a vida e da ignorância.

O martírio de Jesus lembra a cada um de nós uma lição difícil: o valor do sofrimento. O apóstolo Paulo afirma: “completo na minha carne o que falta à pai-

xão de Cristo” (Cl 1,24).

Fazer memória do martírio de Jesus significa não esquecer o drama de sua paixão, mas significa, sobretudo, testemunhar o amor de Deus por nós. Em cada ser humano empobrecido, sem roupa e enfermo, Jesus deixa impressa, de forma indelével, a sua imagem. Deus continua crucificado na cruz da miséria e das estruturas injustas, geradoras do acúmulo de riquezas nas mãos de poucos e da carência do necessário na vida de muitos. Ele mesmo disse: “eu vos garanto: todas as vezes que fizestes isso a um desses meus irmãos...” (Mt 25,40).

Entregando-se à morte, Jesus ensinou que o martírio não era opróbrio e maldição, mas um modo radical de optar pela justiça, pela paz e pelo perdão. O martírio de Jesus obriga o ser humano a mudar de mentalidade e a colocar-se do lado de todos os que, ao longo da história, morrem pela causa de Jesus.

3. SUPERAÇÃO DA AMBIGUIDADE E DO ESCÂNDALO

Os discípulos interpretaram o significado da morte de Jesus a partir da experiência especial de comunicação com o Ressuscitado. “Mas, ele (Jesus) disse: Por que estais perturbados, e por que surgem tais dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés; sou eu!” (Lc 24,38). A partir da vida nova que brotou dessa experiência, deram-se conta de que aquele que, pela morte, parecia ter sido abandonado por Deus, na verdade, era o Filho predileto. A ressurreição prova que Deus estava na cruz com Jesus, e confirmou a veracidade de seus ensinamentos e de seu estilo

de vida.

É a Ressurreição que torna singular a cruz de Jesus e o fato de ser não só a cruz do messias, mas a cruz do ressuscitado por Deus. A Ressurreição é a ótica a partir da qual os primeiros cristãos reinterpretaram a comunicação de Jesus durante sua vida histórica. Na auro-ra do primeiro dia da semana da nova criação, cessou toda a ambigüidade que paira sobre a existência e a mensagem de Jesus e todo escândalo foi superado. O martírio de Jesus é visto como momento supremo de um plano de amor, uma etapa dolorosa, mas densa de significado na comunicação de Deus com o ser humano, uma passagem para a ressur-reição.

Pela Ressurreição, a morte é vencida e inaugura-se um tipo de vida não mais regido pelos mecanismos de desgastes e de morte, pelo ódio da incomunicação, mas vivificado pela própria vida divina, que se autocomunica para gerar comunhão. A ressurreição é matriz de esperança que ultrapassa esse mundo dominado pelo espectro da morte e atesta que viver pela verdade e pela justiça não é sem sentido; que ao oprimido está reservada a vida em plenitude e a vitória final.

A Ressurreição do crucificado por parte de Deus transforma a cruz. Ela não deixa de ser expressão da capacidade humana de crueldade e destruição, mas, mostra que a Ressurreição do crucificado é o grande gesto de amor comunicativo do Pai para com seu Filho, na força do Espírito e, por meio dele, para com toda a humanidade.

A cruz de Jesus não é mais suplício vergonhoso; ela denuncia o que o ser humano é capaz de fazer. Assumindo-a, Jesus a transformou em sinal de liberdade de tudo aquilo que a provocou: o fechamento auto-suficiente, a ruptura na comunicação, a mesquinha e o espírito de vingança.

A Ressurreição transforma o enigma da cruz em mistério de salvação. A desgraça histórica se converte em lugar de graça libertadora. A cruz do silêncio e do abandono se converte em amor comunicativo de Deus.

4. COMUNICAÇÃO DO AMOR TRINITÁRIO

A plenitude da comunicação de Deus com o ser humano aconteceu na pessoa de Jesus de Nazaré, verdadeiro Deus e verdadeiro ser humano. Jesus personaliza a comunicação entre Deus e a humanidade e, ao mesmo tempo, é o “comunicador perfeito”⁷⁷. Essa comunicação não é uma simples transmissão de informação, mas é um dom de amor gratuito da Trindade Santa. O ápice desse dom de amor é a entrega de Jesus na cruz.

O Pai, em profundo e doloroso silêncio, está presente na cruz e, num gesto de amor gratuito, oferece seu Filho. “Deus não poupou seu próprio Filho e o entregou por todos nós” (Rm 8,32). O Filho está pregado na cruz e, num abismo de dor e de perdão, ele se oferece ao Pai, entregando-se por amor à humanidade. O Espírito está presente entre o Pai e o Filho, une e separa um do outro em amoroso êxtase, como sinal de comu-

nhão entre os dois e como fruto do dom que Jesus faz de sua vida⁸.

A história da salvação é um grande ato de comunicação divina que inclui silêncio profundo, palavra eficaz, encontros transformadores, e também momentos de crise e de ruptura: tudo isso acontece de forma plena no martírio de Jesus na cruz. O Cardeal Martini afirma: “Se quisermos aprender a nos comunicar, devemos contemplar a cruz, deixar-nos iluminar pelo Filho crucificado”⁹.

A Trindade crucificada se torna ícone que revela a profundidade da comunicação recíproca das pessoas divinas que se faz dom à humanidade e convida a entrar neste círculo de amor. O Filho crucificado, rejeitado pela humanidade: “veio para o que era seu, mas os seus não o receberam” (Jo 1,11), é causa de salvação. Da morte por amor, surge a vida nova. “Toda a Trindade se envolve no ato da comunicação da vida divina ao mundo, fundamentando, assim, toda autêntica comunicação inter-humana”¹⁰.

Aceitando livremente o martírio, Jesus realiza a mais sublime comunicação de si mesmo à humanidade, uma comunicação que não segue os ditames dos potentes meios de comunicação, preocupados com o sensacionalismo e o espetáculo. A comunicação de Jesus subverte a lógica humana e, por isso, gera perplexidade e diante dela é impossível permanecer indiferentes.

5. O MISTÉRIO INSONDÁVEL DE DEUS TRINDADE

Os relatos-testemunhos do martírio de

Jesus na cruz, feitos pelos evangelistas, revelam a fragilidade da sabedoria humana e nos colocam diante da comunicação do insondável mistério de Deus. Acolher esse mistério é passar pela porta estreita que nos faz entrar no caminho de seguimento de Jesus.

A cruz de Jesus revela que o caminho para entender o mistério de Deus crucificado não é a razão comunicativa, mas a comunicação amorosa de Deus, acolhida na lógica da fé. O Deus crucificado ultrapassa todos os parâmetros do saber humano e a inteligência se curva em silenciosa contemplação. O martírio de Jesus leva a repensar e a reinterpretar os predicados gregos atribuídos a Deus, particularmente, os da imutabilidade (não mudança e impassibilidade, não sofrimento). Continuamos a afirmar que Deus não é passível e mutável como as criaturas. Mas, a cruz nos ensina que diante da morte ignominiosa de seu Filho, o coração de Deus é vulnerável e passível de ser afetado pelo amor e deixa-se ferir pelo sofrimento humano.¹¹

À luz da Ressurreição, o martírio de Jesus revela *sub contrario* o amor intratritário e a insondável unidade entre as três pessoas divinas. “Jesus sofre de maneira única e irrepetível precisamente porque experimenta a solidão com relação àquele com o qual é verdadeiramente um no amor”¹². A dor de Jesus na cruz revela o mistério do amor: “o abismo da dor revela a perfeição do amor. Na dor revela-se o coração do Deus Trinitário”. O evangelista Marcos conclui a narrativa da morte de Jesus com a proclamação da filiação divina de Jesus por parte do centurião. Esta afirmação de um pagão reconhece, na dor

e na morte do Crucificado, o rosto de Deus: no homem que está morrendo na cruz revela-se o Filho de Deus, o Deus na alteridade, “em exílio de si por amor do mundo”.

O amor intratrinitário revelado na cruz é salvífico, porque é amor transbordante, que atinge todo o gênero humano. A cruz de Jesus ressuscitado revela o coração de Deus e o seu verdadeiro rosto, e desfaz os enganos do mundo das trevas: o silêncio não era abandono, era presença contemplativa; a morte não era o fim, era começo de uma vida nova; a entrega não era absurda, era doação livre e total. Essa entrega é a demonstração mais abrangente da gratuidade e da universalidade do amor do Pai para com o Filho e, por meio dele, ao mundo.

A cruz elevada sobre a terra é um convite à contemplação silenciosa e orante. Os braços estendidos de Jesus sobre o madeiro expressam que as entranhas de misericórdia do Pai não têm medida, e ele está à espera de cada homem e de cada mulher para o abraço reconciliador. O lenho vertical voltada para o céu expressa a gratuidade do amor de Deus.

O Deus da cruz nos entregou tudo: seu Filho na unidade do Espírito. O Pai, ao entregar seu Filho amado até a morte, torna-se vulnerável em seu amor. Não veio para tirá-lo da cruz, mas deixou-se ferir pela paixão de seu Filho, deixou-se afetar pela dor. Deus sofre porque ama o Filho na unidade do Espírito. Neste sentido, a cruz do Messias leva a descobrir a Deus em sua comunhão, em seu ser Trindade.

A revelação desse amor tem lugar na negatividade da cruz. Por conseguinte, Deus está velado, *sub contrario*. Ele continua sendo o Deus ausente. Está presente em forma de ausência. Continua sendo o Deus escondido e desconhecido.

6. ENTRAR NO CAMINHO DE JESUS

O processo pelo qual os discípulos passaram para entender a linguagem da comunicação de Deus no mistério da morte e ressurreição de Jesus é paradigmático. Como aconteceu com os primeiros discípulos, o nosso compromisso de seguir Jesus é marcado pela busca constante, no sentido de dar a nós mesmos uma justificativa ao martírio de Jesus e aos nossos pequenos ou grandes sofrimentos. Temos o direito de buscar explicações e justificativas acerca dos nossos sofrimentos pequenos e grandes, das incompreensões, enfim, das nossas cruzes cotidianas. Mas, a última palavra sobre a realidade da dor não se encontra na lógica humana. Só na fé, à luz do mistério de Cristo, morto e ressuscitado, as nossas cruzes de cada dia adquirem significado.

O caminho percorrido por Jesus e o cálice amargo do sofrimento bebido por ele até o fim, no amor incondicional e na fidelidade plena ao projeto que o Pai lhe confiara, lançam por terra toda revolta e atitude derrotista diante de nossas cruzes cotidianas, sejam elas pequenas ou grandes. Levam-nos a fazer memória do sangue de nossos mártires, de ontem e de hoje, com gratidão e reverência.

Em Jesus, Deus se faz solidário com os sofrimentos humanos de todos os tem-

pos e lugares. Nele morrem, outra vez, todos os profetas e justos que o precederam, ele continua seu caminho de dor em cada ser humano que sofre e morre. Onde há sofrimento humano assumido por amor, e morte como a de Jesus para defender a vida, aí está acontecendo a Ressurreição.

Nosso seguimento de Jesus é marcado pela dialética da morte para a vida. A cada instante somos chamados a optar pela vida, dando sentido ao sofrimento e às nossas cruzeiras diárias. É importante, então perguntar-nos como estamos aceitando e vivendo este caminho de vida que passa pela morte: à luz do caminho de Jesus ou na revolta e rejeição.

A solidariedade de Deus para conosco pede uma resposta de solidariedade. Não basta carregar a própria cruz. A novidade cristã está em carregá-la com Jesus e como Jesus, numa atitude de quem leva até o extremo o próprio compromisso.

Na vitória de Jesus sobre o sofrimento e a morte, a dor humana se transforma em esperança, a tristeza em alegria e a promessa em certeza. Não estamos sozinhos e entregues ao poder da morte! Jesus caminha ao nosso lado, parte conosco o pão e nos revela as Escrituras. Ao voltar para o Pai, ele nos envia a proclamar a todos os povos e nações a boa notícia da ressurreição, e vai preparar-nos um lugar na Casa do Pai.

À medida em que assumimos o projeto de Jesus, a Ressurreição vai acontecendo em nossa vida, mas uma Ressurreição que não está separada do sofrimento e da cruz. À medida em que assumimos o

projeto de Jesus, sentimos necessidade de tirar da cruz os excluídos para que a plenitude da vida se manifeste no mundo. Viver como ressuscitados é acreditar na presença de Jesus em nós e em nosso meio e vencer, gradualmente, as estruturas de morte que estão dentro de nós e ao redor de nós. É ser como a semente que, passando pelo silêncio e pela escuridão da terra, explode em folha, flores e frutos.

A cruz julga o passado e o presente e aponta para o futuro. Articula vida, morte e ressurreição. Congrega na luta, nas derrotas, nas vitórias, na dor e na alegria.

CONCLUSÃO: MARTÍRIO, SEMENTE DE VIDA NOVA

O mistério pascal constitui o momento supremo da revelação do mistério insondável de Deus amor. Nas trevas da sexta-feira santa e na luminosa aurora da manhã ressurreição, a Trindade realiza a mais singular comunicação de si à humanidade. A condição para acolher esta sublime comunicação é entrar no caminho de seguimento do Crucificado que ressuscitou. Ele afirmou: “quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me siga. Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; mas quem perder a sua vida por mim e por causa do evangelho, a salvará” (Mc 8, 34-35).

O martírio de Jesus é o gesto supremo por meio do qual Deus Trindade abraça a humanidade, trazendo-a para junto de si, convidando-nos a contemplar a dor em Deus e Deus na dor a partir da cruz redentora de Filho amado. No martírio cruel de tantas pessoas que assumem a

causa de Jesus e na morte lenta de minorias desprovidas do mínimo necessário para salvaguardar a sua dignidade, Deus prolonga este abraço. O martírio de Jesus e os mártires da história continuam sendo semente de vida nova, na certeza da Ressurreição e à espera da manifestação plena, “para que Deus seja tudo em todos” (Cl 3,11).

Notas

¹ Cf. SLOYAN, Gerard S, *Por que Jesus morreu?* São Paulo, 2006, p. 64.

² *Ecclesia Martyrum*, Igreja dos mártires - este é um título antigo e venerável e o que melhor expressa a comunidade vital da Igreja com seu Senhor, Metz, Johann Baptist / Schillebeeckx, Edward, Editorial, em *Concilium*, No. 183, p. 3, 18.

³ Cf. KLAUS Berger, *Para que Jesus morreu na cruz?* São Paulo, 2005, p. 215-218.

⁴ Cf. Decos-Celam, *Para uma teologia da comunicação na América Latina*, Petrópolis, 1984, p. 132.

⁵ Cf. BOFF, Leonardo, *Paixão de Cristo paixão do mundo*, Petrópolis, 2007, p. 60.

⁶ Cf. BOFF, Leonardo, *Paixão de Cristo paixão do mundo*, Petrópolis, 2007, p. 36.

⁷ Cf. MARTINEZ DÍEZ, Felcísimo, *Teologia da comunicação*, São Paulo, 1997, p. 212.

⁸ Na Igreja de Santa Maria Novella de Florença, Itália, existe uma representação da Trindade de Masaccio, que é chamada a Trindade na Cruz. Esta imagem é uma representação iconográfica da teologia da cruz, considerada como revelação da Trindade Santa. (cf. MARTINI, Carlo Maria, *O Evangelho da comunicação*, São Paulo, p. 36).

⁹ Cf. MARTINI, Carlo Maria, *O Evangelho da comunicação*, São Paulo, 1994, p. 38.

¹⁰ Cf. MARTINI, Carlo Maria, *O Evangelho na comunicação*, São Paulo, 1994, p. 99.

¹¹ Cf. BINGEMER, Maria Clara & FELLER, Vitor Galdino, *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. São Paulo, 2003, p. 88.

¹² FORTE, Bruno, *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*, São Paulo, 1985, p. 288.

Referências

BERGER, Klaus, *Para que Jesus morreu na cruz?* Loyola, São Paulo, 2005, 227 pp.

BINGEMER, Maria Clara e FELLER, Vitor Galdino, *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*, Paulinas/Siquem, São Paulo/Valencia, 2003, 176 pp.

BOFF, Leonardo, *Paixão de Cristo, paixão do mundo: Os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje*, Vozes, 6 ed. Petrópolis, 2007, 170 pp.

BOFF, Leonardo, Martírio, tentativa de uma reflexão sistemática, em *Concilium*, No. 183/3, pp. 17-24 (273-280).

BOMBONATTO, Vera Ivanise, *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*, Paulinas, São Paulo, 2002, 494 pp.

FERNÁNDEZ, Bonifacio, *El Cristo del seguimiento*. Publicaciones Claretianas, Madrid, 1995, 324 pp.

FORTE, Bruno, *Jesús de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. Paulinas, São Paulo, 1985, 364 pp.

_____, *Exercícios Espirituais no Vaticano*. Vozes, Petrópolis, 2005, 192 pp.

MARÍNEZ DÍEZ, Felcísimo, *Teologia da comunicação*, Paulinas, São Paulo, 1997, 536 pp.

SLOYAN, Gerard, *Por que Jesus morreu?* Paulinas, São Paulo, 2006, 136 pp.

SOBRINO, Jon, *Jesus, o libertador, I - A história de Jesus de Nazaré*, Vozes, Petrópolis, 1994, 392 pp.

_____, *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*, Petrópolis, Vozes, 2000, 512 pp.

Revista eletrônica Ciberteologia: www.ciberteologia.org.br

